

Luís Manuel de Araújo, *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egito*, Lisboa: Edições Colibri, 2012, 598 pp., ISBN 978-989-689-270-8.

Porque o tempo é demasiado curto para muitas coisas que gostaria de vos dizer, estudei para este momento várias hipóteses de abertura com o intuito de captar rapidamente a vossa atenção. Por exemplo, ocorreu-me começar por vos dizer: «eis o anunciado quarto volume das *Cinquenta Sombras de Gray*». Era retumbante e actualizado, mas não seria verdade. Lembrei-me também de uns versos de Carlos Paião que falavam de namorados com «taras e manias», mas isso era quase como que cair na rua num momento em que devemos almejar uma certa elevação. Vieram-me ainda à ideia outras hipóteses, mas, por agora, não vou perder mais tempo com elas, pois parece-me que já despertei a vossa atenção com estes preliminares e, por isso, darei início à função.

Há dias, ao fazer uma leitura prospectiva nos livros *Sex and Gender in Ancient Egypt*, editado pela galesa Carolyn Graves-Brown, com o fabuloso subtítulo '*Don your wig for a joyful hour*' (literalmente «Põe a tua peruca para uma hora alegre/feliz» ou, com um toque mais literário, «Põe a tua cabeleira para uma hora de felicidade» ou, ainda melhor, «Põe a tua cabeleira para uma hora de prazer») e *Sex and the Golden Goddess I. Ancient Egyptian Love Songs in Context*, escrito por duas senhoras checas, Renata Landgráfová e Hana Navrátilová, que também participam no primeiro destes dois livros, tal como o ilustre egiptólogo britânico Richard Parkinson, por exemplo, verifiquei que ambos incluíam na bibliografia o anterior trabalho do Prof. Luís Araújo nesta área. No primeiro destes livros, deparei mesmo na Introdução, da responsabilidade da editora, com a afirmação explícita de que «para o período faraónico, a sexualidade foi amplamente examinada» por Lise Manniche, em 1987, e Luís Araújo, em 1995, com os livros *Sexual Life in Ancient Egypt* e *Estudos sobre Erotismo e Sexualidade no Antigo Egito*, respectivamente. Fiquei muito orgulhoso por ver ali esta referência lusa e, ainda por cima, em tão boa companhia dinamarquesa.

Mas logo me assaltou uma outra questão: o livro do Prof. Luís Araújo é em português e uma das senhoras é galesa e as outras duas são checas. Será que os problemas da língua foram ultrapassados ou as senhoras limitaram-se a ver as figuras? Se foi este o caso, ainda assim, a pesquisa terá sido certamente bastante enriquecedora, pois tanto o primeiro livro como este que agora vê a luz do dia, metem a um canto o profusamente ilustrado Kama Sutra. E em ambientes não académicos, muitas das imagens egípcias desta temática bem podem ser consideradas pornográficas e não eróticas! Daí que, tal como o Autor, considere preferível até, apelidar o célebre papiro 55001 de Turim, que parece ter antecedido em cerca de 2000 anos o referido texto indiano, de *Papiro Pornográfico de Turim* e não de *Papiro Erótico de Turim*, como lhe chama grande parte dos egiptólogos, entre os quais o espanhol José Miguel Parra Ortiz, que também inclui a citada obra portuguesa na bibliografia do seu livro *La Vida Amorosa en el Antíguo Egipto*, que tem tradução portuguesa mas do qual eu adquiri a versão francesa.

Há já algum tempo que o Prof. Luís Araújo me vinha dizendo que estava a preparar uma nova edição, revista e aumentada, dos seus *Estudos sobre Erotismo e Sexualidade no Antigo Egipto* e, nesse período, sempre que nos encontrávamos começava por dizer: «É um trabalho muito cansativo. Muito cansativo. Tanto erotismo dá cabo de mim!» Mas isto era dito sem que se sentisse em cima dos seus ombros o peso do trabalho. Pelo contrário. Era dito com um certo ar «giocôndico» onde imperava um sorriso enigmático. E um dia veio a novidade: «não vai ser uma reedição, será mesmo um novo livro». E é verdade. De 350 páginas passou para 598, às quais se devem acrescentar, ainda, as 16 páginas de um caderno com excelentes imagens coloridas. Obviamente que a bibliografia também aumentou muito, passando de 290 entradas para 770. Tem muita, muita coisa nova. Assim, concluídos que foram os cansativos estudos sobre erotismo, surgiu o novo título *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egito*. Para trás ficaram os «Estudos sobre» do anterior título e o «p» de Egipto. E o Professor continuava: «E como é meu hábito, os autores portugueses estão bem referenciados e destacados». E eu que o diga, que, entre outras, vejo uma referência ao caso do meu hipotético e inovador *menage à trois* do *Papiro Westcar* com destaque de *superstar*! Isto para não falar de algumas entradas bibliográficas de que até os próprios se vão espantar! Por fim, no dia 3 de Novembro, veio o convite: «gostaria de convidar o Telo para apresentar a obra, por isso mesmo receberá um exemplar com uma semana de antecedência, creio que chegará...». Respondi de imediato que aceitaria com bastante prazer e que a entrega atempada do exemplar para análise não era problema, pois conhecia bem o tema. Até o poderia apresentar de olhos fechados!

E eis finalmente o livro! Só de olhar para a capa e para o volume da lombada se percebe de imediato que é um livro totalmente novo. Com uma preciosa realização técnica da Editora Colibri, onde o texto, as imagens e os hieróglifos surgem bem equilibrados, destaco aqui a capa. Para além da cor criteriosamente escolhida, mostra, num jogo muitíssimo equilibrado, um excelente e actual desenho de Pierre Probst, inspirado num relevo do templo de Medinet Habu, onde surge um prazenteiro momento de lazer daquele que é considerado o último grande faraó do Egipto, Ramsés III, o segundo faraó da XX dinastia, jogando, bebendo e saboreando figos, com uma gata a seus pés e esbeltas e naturalistas concubinas reais à sua volta. Esta colorida imagem surge em destaque sobre um belo relevo da XVIII dinastia, que se espraia mais esbatido em segundo plano e que podemos apreciar na íntegra no interior do livro, onde vemos o vizir de Amen-hotep III, Ramés, acompanhado pela esposa. Já na contracapa, a elegante e festiva figura feminina, do mesmo reinado, foi bem contrastada expondo com clareza toda a sua beleza, pessoal e artística.

Se antes já tínhamos uma obra de referência para o erotismo e a sexualidade no antigo Egipto, inclusive a nível internacional, agora esse propósito foi consideravelmente melhorado. Este novo livro, embora tenha tido um parto onde imperaram algumas dificuldades, rapidamente solucionadas, viu o seu aumento de peso em número de páginas por capítulo reflectir-se também no

aumento dos próprios capítulos. Sem contar com a Nota prévia, onde surgem algumas explicações e diversos agradecimentos, nem com a Cronologia, que nos dá uma visão global do tempo em que se desenvolveu a civilização faraónica, os 6 capítulos do primitivo volume passaram a 8, surgindo os novos títulos: «Presenças da mulher em aforismos proverbiais» e «A expressão da sexualidade no antigo Egito». E os 8 capítulos falam de tudo um pouco:

- da sexualidade dos mortais e da sexualidade dos deuses;
- das concepções mágicas e das concepções reais;
- dos comportamentos explícitos e dos comportamentos que apenas estão implícitos;
- do hipotético *menage à trois* ao hipotético caso de alcova de um faraó com um dos seus generais, passando por estranhos casos como o da divina geração espontânea que, numa cultura onde a dualidade é regra, o próprio demiurgo é bissexuado e, deste modo, nem são precisos dois para «dançar o tango», ou o de um outro caso, que hoje consideraríamos de pedofilia, onde «mulheres-crianças» pareciam ter genitais masculinos.

Fala, ainda, das múltiplas imagens da mulher egípcia que captamos em sensatos ensinamentos sob a forma de avisos proverbiais;

- de imagens ternas e de imagens grotescas e caricaturais;
- dos «adornos apelativos da sensualidade» e dos mais «eficazes símbolos profiláticos»;
- do vocabulário próprio e dos signos hieroglíficos específicos;
- das narrativas de forte carga erótica e do enlevo da poesia amorosa;
- dos «movimentos desenfreados» e dos «afagos donairosos»;
- e, evidentemente, das colecções portuguesas, públicas e privadas, e dos objectos egípcios eróticos ou erotizantes referidos pelo Autor, que estão nessas colecções.

Para além dos capítulos onde se desenvolvem estes e muitos outros assuntos, amplamente apoiados por largas centenas de notas de fim de capítulo, um livro com uma temática tão empolgante dificilmente sobreviveria se não houvesse Introdução, que aqui é devidamente assinalada por uma avantajada figura fálica que, de forma empenhada, marca também o início de cada capítulo. No fundo, o local onde o Prof. Luís Araújo revela o que vai desenvolver, balizado por princípios que se estendem do sensual ao pornográfico. Dito de outro modo, aí é feito o contrato entre o leitor e o «espólio cultural e civilizacional» do Egito, que se desenvolverá no corpo da obra. E mesmo não tendo uma Conclusão, ultrapassada a indigestão de erotismo, ainda que simplesmente demiúrgico ou profilático, e dos vislumbres do corpo humano e das presenças fálicas, podemos na mesma encostar e relaxar satisfeitos com o que acabámos de ler, e deliciarmo-nos ainda com languidos olhares sobre os apêndices, que cresceram para o dobro. Continuam a incluir textos de natureza variada que transpiram sensualidade e erotismo, mas receberam a companhia de mais um conto do

Papiro Westcar e de um hino ao deus Min, para além de um levantamento das colecções portuguesas e de um útil e didáctico glossário.

Cada vez menos se repetirão as palavras de Jean Yoyotte, registadas no longínquo ano de 1970 na explicação da palavra «erotisme» do *Dictionnaire de la Civilization Égyptienne*, editado por Georges Posener, que diz serem inexistentes as análises ao «comportamento sexual dos antigos Egípcios e [às] suas reacções mentais em relação à união carnal». Cada vez mais, novas análises depararão com elas na arte, na literatura e mesmo na religião dos antigos Egípcios, pondo em evidência provas explícitas ou implícitas da sua sensualidade, do seu erotismo e das suas práticas sexuais. E para isso, o livro *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egito* que o Prof. Luís Araújo agora põe à nossa disposição, é um passo de gigante. A empenhada leitura desta obra, permitirá que todos percebam com clareza as múltiplas questões desta temática no antigo Egito. Permitirá mesmo afastar qualquer dúvida sobre algumas frases pronunciadas carinhosamente pelos amantes, do tipo «Chega-te a mim, para que eu veja melhor a tua beleza», percebendo que são de facto inebriantes suspiros de amor e não gritos desesperados de desconfortável miopia!

Termino correndo o risco de alguma voz mesquinha e ressabiada poder considerar o meu panegirismo um elogio despropositadamente exagerado e não um singelo e merecido louvor, mas, ainda assim, afirmando com clareza que é um orgulho, que é mesmo uma honra, em tão pouco tempo ser convidado para apresentar não um mas dois livros de alguém que foi e é meu mestre, daquele que, pelos seus dilatados conhecimentos, pelo seu comprovado pendor pedagógico, pela sua vasta obra, reconhecida nacional e internacionalmente, e pelo seu elevado valor ético, considero ser a única pessoa que, verdadeiramente, é merecedora do título académico de catedrático da Egiptologia portuguesa.

Telo Ferreira Canhão
Lisboa, 19 de Dezembro 2012